

COESÃO SOCIAL NOS NVC'S DO PROJETO TERRITÓRIOS DE PETRÓLEO: ESCUTA E O FAZER DA PESQUISA

Caio Cezar Piraciaba de Brito¹

Natália Soares Ribeiro²

Resumo: Este artigo busca comunicar as etapas de uma pesquisa realizada em 2023 que teve como foco central traçar uma caracterização da coesão social dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP), com vistas a entender a perspectiva futura dos núcleos após o encerramento do projeto e o grau de coesão social deles. Com uma abordagem quantiquantitativa, a partir da aplicação de questionário tipo likert, realização de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa foi possível caracterizar três perfis. Assim, apresentamos os caminhos escolhidos, os resultados encontrados e um pouco sobre como foi passar por tais caminhos no decorrer de uma pesquisa envolvendo tantos sujeitos, tendo como centralidade a escuta como habilidade metodológica.

Palavras-chave: Escuta; Vigília Cidadã; Metodologia.

Abstract: This article seeks to communicate the stages of a research carried out in 2023 whose central focus was to outline a characterization of the social cohesion of the Citizen Vigilance Centers (NVC) of the PEA Territórios do Petróleo, with a view to understanding the future perspective of the centers after the closure of the project and their degree of social cohesion. Using a quantitative-qualitative approach, applying the Likert-type questionnaire, conducting semi-structured interviews and conversation circles, we characterized three profiles. Therefore, we present the paths chosen, the results found and a little about what it was like to go through such paths during research, with listening as a methodological skill as its central focus.

Keywords: Listening; City Vigil; Methodology.

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: caio_cbrito@hotmail.com,
Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7016147002574143>

² Universidade Estadual do Norte Fluminense. E-mail: natysoaresribeiro@hotmail.com.
Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5030765937225716>

Introdução

Este artigo nasce como resultado da pesquisa realizada pelo projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (Fase III), na linha de pesquisa “Rendas petrolíferas, controle social e vigília cidadã”. A pesquisa (coleta de dados ocorrida em 2023) teve como foco central traçar uma caracterização da coesão social dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) do PEA Territórios do Petróleo, com vistas a entender a perspectiva futura dos núcleos após o encerramento do projeto e o grau de coesão social deles.

Cabe ressaltar que o PEA Territórios do Petróleo é um projeto que integra diferentes setores da sociedade, com sujeitos vulneráveis aos impactos da indústria de petróleo e gás. A ideia de Educação Ambiental que tomamos, a partir do projeto, é de uma educação que articula e faz interagir os ensinamentos das ciências, das tecnologias, das artes e religiões. Como eixo central compreendemos que a aproximação do dito “senso comum”, das pessoas da vida cotidiana com o universo acadêmico e da pesquisa é fundamental para uma Educação Ambiental transformadora (Brandão, 2005).

Sendo assim, fazemos coro a Loureiro (2003, p.44), para o qual uma Educação transformadora:

não é aquela que visa interpretar, informar e conhecer a realidade, mas busca compreender e teorizar na atividade humana, ampliar a consciência e revolucionar a totalidade que constituímos e pela qual somos constituídos (...). Não basta também atuar sem capacidade crítica e teórica. O que importa é transformar pela atividade consciente, pela relação teoria-prática, modificando a materialidade e revolucionando a subjetividade das pessoas.

Nessa perspectiva, nos interessa enquanto pesquisa, colaborar no processo de reflexão/ação dos próprios Núcleos de Vigília, enquanto organização coletiva. E ao passo que isso acontece somos modificados também pelo processo. O projeto Territórios, a partir de uma abordagem crítica vem instrumentalizando os NVCs para as incidências políticas nas localidades dos núcleos, bem como para a atuação da gestão ambiental.

Para estruturar este texto, optamos por seguir uma linha de apresentação a qual expomos as etapas da realização da pesquisa, em seguida apresentamos os resultados como um todo e por fim realizamos uma problematização a partir da experiência do fazer da pesquisa. Tentaremos mostrar os caminhos escolhidos, os resultados encontrados e um pouco sobre como foi passar por tais caminhos no decorrer de uma pesquisa envolvendo tantos sujeitos (pesquisadores, técnicos, membros dos NVC's, entre outros).

Antes de iniciar a apresentação das etapas e das problematizações propostas é necessário que façamos uma breve apresentação e

contextualização dos objetivos, assim como a exposição de algumas noções norteadoras deste trabalho.

Neste sentido, durante a elaboração da pesquisa, buscou-se compreender a pertença, identidade, e o nível de coesão social dos Núcleo de Vigília Cidadã dos dez municípios que compõem o Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC) em atendimento ao processo administrativo nº 02022.000469/2015-19, no contexto da implementação das medidas de mitigação de impactos ambientais de licenciamento ambiental federal inserido na Linha de Ação B – “Controle social da aplicação de royalties e de participações especiais da produção de petróleo e gás natural”, conforme diretrizes da NOTA TÉCNICA CGPEG/DILIC/IBAMA ³ Nº 01/10. Os municípios envolvidos no projeto e na pesquisa são: Arraial do Cabo, Armação dos Búzios, Cabo Frio, Carapebus, Casimiro de Abreu, Campos dos Goytacazes, Macaé, Quissamã, Rio das Ostras e São João da Barra. Todos os dez municípios fazem parte da Bacia de Campos e estão dentro do estado do Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que a Educação Ambiental, enquanto um campo do saber, nasce de uma preocupação social de movimentos sociais ambientalistas que começam a tematizar que as condições de vida e saúde perpassam por um meio ambiente ecologicamente equilibrado (Carvalho, 2012). Por isso, ela pode contribuir na busca de alternativas e construção de formas de vida mais sustentáveis.

A Educação Ambiental desempenha um papel essencial na formação de uma sociedade mais consciente na busca por soluções sustentáveis. Por meio do conhecimento e da sensibilização dos indivíduos, podemos construir um futuro em que a preservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico caminhem juntos, garantindo um planeta saudável e equilibrado para as gerações presentes e futuras (Loureiro, 2004).

Apesar dos avanços conquistados, existem desafios a serem enfrentados, principalmente no concerne ao modelo de desenvolvimento predatório adotado. É nesse sentido que é preciso pensar uma educação que confira possibilidades aos sujeitos da ação educativa de participarem das disputas e incidirem na gestão, defendendo o modo de vida de comunidades tradicionais, de pesca, quilombolas, assentados, entre outras. Para isso é fundamental ações de Educação Ambiental que tenham como prioridade uma agenda educacional e política (Carvalho, 2024).

³ CGPEG (Coordenação Geral de Petróleo e Gás); DILIC (Diretoria de Licenciamento Ambiental); IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis)

É dentro deste contexto de luta por uma Educação Ambiental crítica que surge a ideia ou conceito de Vigília Cidadã, que é na verdade uma metodologia desenvolvida pelo PEA-Territórios do Petróleo e pelo coordenador Marcelo Gantos (2016) a partir da implantação dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs). A centralidade da Vigília cidadã é a pressuposição de um estado de alerta e acompanhamento das discussões a nível local, regional e nacional dos debates sobre rendas petrolíferas e de que é preciso participar das etapas de formulação/elaboração, avaliação e execução de programas, projetos, planos, para que possa alterar a realidade de forma significativa.

Dessa forma, os Núcleos se consolidaram como espaços importantes de formação contínua e troca de saberes que se expandiram para realizarem reuniões comunitárias, que envolvem a mobilização de comunidades aliadas dos processos de participação da política local e vulneráveis aos impactos da cadeia produtiva de petróleo e gás. Os NVCs se tornaram espaços de diálogo e de construções de agendas políticas, visando incidir na Gestão Ambiental.

Nesse sentido, para analisar a pertença e as identidades dos núcleos dos dez municípios, partimos da compreensão de que o reconhecimento é uma marca que, mais do que qualquer outra ação, efetivamente coloca o indivíduo na existência humana, ou seja, ao se reconhecer no outro ou em um grupo, o indivíduo se reconhece como sujeito de suas próprias ações, e, portanto, como um ser que existe. É então neste contato com o outro que a pessoa recebe essa “prova de sua existência”, fazendo da coexistência um ato de reconhecimento (consciente ou não) (Todorov, 2014).

Por isso, reivindicamos Richard Sennett (2012) ao compreendermos a conversa como um ensaio, que depende da capacidade da escuta. Ouvir aparece aqui como uma atividade interpretativa que funciona bem quando focalizamos a especificidade do que está sendo ouvido e buscamos entender com bases nesses elementos específicos coisas que a outra pessoa às vezes nem chegou a dizer explicitamente.

Essa ideia de escuta é fundamental para o andamento da pesquisa, e, segundo o autor, “na boa escuta, podemos sentir simpatia ou empatia; que são ambos impulsos cooperativos” (Sennett, 2012, p. 37). Esta compreensão de escuta apresentada por Sennett é de grande relevância tanto na conceitualização daquilo que buscamos observar na pesquisa, como também no fazer da pesquisa (levando em consideração as trocas que demandaram tal tipo de escuta).

Desenvolvimento

Etapas da Pesquisa

Aqui apresentaremos de maneira breve as etapas da pesquisa, para que em um próximo momento possamos apresentar e analisar os resultados juntamente com as reflexões, trazendo contrapontos a partir da experiência do fazer de cada etapa explicitada.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 205-219, 2024.

A pesquisa combinou instrumentos metodológicos quantitativos e qualitativos, o que também é chamado de abordagem quantiquantitativa ou método misto. Como aponta Creswell (2010) tais procedimentos surgiram a partir da necessidade de reunir dados de diversas naturezas em um único estudo, permitindo que múltiplos métodos pudessem agregar em uma pesquisa. Nesse sentido, não existe uma perspectiva de adversidade entre abordagens distintas de pesquisa, mas uma relação de complementariedade. A complexidade deste tipo de procedimento permite que os pesquisadores criem projetos compreensíveis a partir de dados e análises complexas.

Há aqui um movimento de coleta de dados (de diferentes naturezas) que posteriormente passam por um processo de integração. Processo este que basicamente significa a junção destes dados para uma análise mais profunda.

Por exemplo, na coleta de dados, essa "mistura" pode envolver a combinação de questões abertas com questões fechadas de um questionário. A mistura no estágio de análise e interpretação de dados pode envolver a transformação de temas ou códigos qualitativos em números quantitativos e a comparação dessas informações com resultados quantitativos em uma seção de "interpretação" do estudo. O local em que ocorre a integração no processo parece estar relacionado ao fato de a coleta de dados ocorrer em fases (uma sequência) ou em uma única fase (concomitante) (Creswell, 2010. p. 215).

Foi por meio dessa abordagem quantiquantitativa (ou mista) que aplicamos questionários com escala (tipo Likert) para conhecer o grau de maturidade ou coesão social dos Núcleos; realizamos rodas de conversas e conduzimos entrevistas semiestruturadas com os respectivos técnicos de cada município, buscando compreender e caracterizar a coesão social dos 10 núcleos de vigília cidadã (NVCs).

Durante a realização das etapas da pesquisa utilizamos também o método da observação participante (levando em consideração a noção de escuta de Sennett, já apresentada anteriormente), com a finalidade de, através da participação interativa e da escuta atenta, observar e compreender como os atores lidam com a sua noção de pertença, sua relação com as ações políticas e organizadas dos grupos de vigília, assim como compreender como eles entendem a permanência futura nestes núcleos.

Trata-se de uma pesquisa cujos processos e suas etapas são tão valorizados quanto os resultados. Leia-se, que fazem parte de uma ação concreta e formativa dentro de um processo de Educação Ambiental crítica, na medida em que a aprendizagem se dá na ação e pela ação. Conforme aponta Sato (2005) o objetivo é a interação da reflexão com a ação de modo que haja uma mudança tanto nos atores envolvidos no processo educativo quanto no meio ambiente.

Neste momento do texto, traremos com um pouco mais de detalhes como foi a realização de cada etapa, assim como uma breve problematização sobre a sua realização e sobre o que aqui chamamos de ‘fazer da pesquisa’.

Questionário

Tendo dito isso, demos início a coleta de dados e as atividades de campo da pesquisa com a aplicação de questionários quantitativos de escala (tipo “likert”) para todos os membros dos Núcleos, para que pudéssemos ter uma compreensão mais clara e efetiva da realidade dos grupos, assim como construir uma base de informações a fim de dar continuidade a pesquisa. Sobre a escala desse tipo, definida como psicométrica, Lucian e Dornelas (2014, p. 170) afirmam:

Esse movimento inicial de proposição de escalas como método de mensuração em ciências sociais e psicologia foi inspirado na física. Allport e Hartman (1925) e Thurstone (1928) se basearam na lógica das escalas métricas para proporem um instrumento de mensuração bastante similar. Essa instrumentação derivou do desejo de se construir uma ferramenta capaz de comparar grupos, ao contrário das possibilidades de medições anteriores.

Nunca tivemos a pretensão de definir quantitativamente a maturidade política para a coesão social, mas sim oferecer elementos para a reflexão diagnóstica de tal maturidade. Para isso, elaboramos um questionário dividido em sete blocos, cada bloco contendo entre sete e oito perguntas. A elaboração destes blocos e das perguntas neles contidas teve o objetivo de passar pelos principais temas, eixos e perguntas da pesquisa, sendo eles: sobre o Indivíduo no grupo NVC e pertencimento; sobre o NVC e nível de coletividade; nível de confiança grupal; sobre objetivos, crenças e ideologias; sobre identidade; sobre participação e ação social; sobre política. feito nos encontros microrregionais (fevereiro e março de 2023).

É fundamental mencionarmos que a ordem de execução das etapas teve um sentido de ser, já que a realização deste questionário aconteceu logo antes das rodas de conversa (estas etapas aconteceram nos encontros microrregionais em fevereiro e março de 2023). A realização dessas etapas em sequência proporcionou aos membros dos NVCs o contato com perguntas que os fizeram questionar e refletir sobre determinados temas e problemáticas. Aqui, os temas de cada eixo do questionário tinham também por objetivo de levantar certos temas, para que na etapa seguinte (roda de conversa) os membros pudessem trazer tais reflexões geradas pelas questões respondidas.

A participação dos pesquisadores e técnicos foi fundamental na execução desta etapa da pesquisa, no sentido de auxiliar os membros na realização dele, já que os questionários vêm em um formato que é comumente atrelado a ideia de avaliação, no sentido de aprovação ou reprovação, e isso podia gerar um certo desconforto vindo dos membros para responder o questionário.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 205-219, 2024.

Além disso, o contexto em que esta etapa aconteceu era marcado pela iminência do fim do projeto PEA-Territórios, ou seja, havia o risco de os membros dos NVCs atrelarem a escolha de determinadas respostas “corretas” enquanto uma estratégia para um possível prolongamento da existência do projeto.

Neste sentido, a conversa e principalmente a escuta atenta foram fundamentais para que tais elementos não entrassem no caminho da coleta de dados e consequentemente gerassem discrepâncias no resultado da pesquisa. Exatamente por esse motivo, compartilhamos com os membros os objetivos da execução do questionário, como tais questões foram elaboradas e a importância de que tais perguntas fossem respondidas com a maior sinceridade possível, já que esta etapa funcionou como uma fotografia dos NVCs, com o objetivo de melhor entender para colaborar com ações no futuro.

Outra estratégia utilizada para minimizar as possíveis discrepâncias de respostas do questionário foi tê-lo elaborado de forma que os membros não precisavam assinar seus nomes próprios, apenas indicar o pertencimento a qual município, o núcleo que participam e há quanto tempo fazem parte dele. Os pesquisadores e técnicos permaneceram durante toda a execução dos questionários, estando disponíveis para que os membros pudessem perguntar e solicitar auxílio. Importante mencionar que um pré-teste foi realizado com os técnicos antes de serem respondidos pelos integrantes dos NVCs, de modo que perguntas foram revistas e sugestões foram aderidas, buscando aperfeiçoar o instrumento. Essa etapa também funcionou como formação, de modo que pudéssemos obter auxílio dos técnicos na aplicação dos questionários.

Rodas de Conversa

Após a realização dos questionários, ainda durante os encontros microrregionais, realizamos as rodas de conversa que foram centradas em temas como identidade, controle social, pertença, objetivos dos núcleos e ideias de futuro, assim como possíveis estratégias para esse futuro. Estes temas foram escolhidos com o objetivo de fomentar o debate e o diálogo a respeito dos avanços e das possibilidades de ação política e de participação dos membros do núcleo.

Esta etapa se mostrou de grande relevância para conseguirmos compreender melhor o grau de coesão social dos núcleos, a partir da capacidade do próprio núcleo de organizar para as discussões internas, da sua capacidade de escuta e acolhida, da democracia interna, da produção de sínteses e da autonomia. Serviu também para conseguirmos entender melhor quais as ideias que os NVCs tinham sobre eles mesmos e sua ideia de futuro.

Para a realização de tais rodas, foi solicitado aos núcleos que produzissem três cartazes, um apontando o “quem somos”, mostrando como eles se entendem e como eles se enxergam enquanto grupo; o outro cartaz apontando o “quem queremos ser”, para que pudéssemos ter uma compreensão

mais clara de onde eles gostariam de chegar enquanto núcleo e quais eram seus principais objetivos a ainda serem cumpridos; e o terceiro cartaz foi sobre “o que devemos conquistar”, dando luz aos desafios terão que passar para alcançar o que querem ser enquanto grupo.

Esta atividade com os cartazes foi realizada justamente para fomentar as rodas de conversa a pensarem no seu futuro, no seu presente e na sua existência enquanto grupo. É importante apontarmos que o que estava sendo observado era muito mais do que apenas o conteúdo da conversa ou o que estava sendo literalmente dito pelo grupo para ser escrito nos cartazes. A atividade da roda de conversa nos proporcionou observar o núcleo trabalhando coletivamente para alcançar um objetivo, e esse tipo de exercício foi de grande relevância para a realização da pesquisa e para a observação da coesão enquanto grupo.

Isso se dá pelo fato de que podemos observar como o coletivo lida com diferentes opiniões, se há escuta ou não, se há monopolização das falas, se há liderança legítima ou não, se é possível chegar a um consenso mesmo quando há discordâncias. Assim, buscamos observar a confiança e confiabilidade, pois aqui elas são categorias importantes para a abordagem de pertença de um grupo. Segundo Koury (2010) elas podem se manifestar de modo interno e externo, sendo o primeiro pelo sentimento de solidariedade/cooperação entre os membros de um grupo e externamente enquanto ações públicas mais visíveis e marcadores da singularidade desse grupo.

O grupo é, deste modo, um conjunto de membros que se afirmam um. cada membro vive o sentido da comunhão de interesses e vontades do grupo e nele advoga um sentido de similitude que o iguala aos demais membros, em uma comunidade de interesses e de compreensão do mundo. Lá se sente confiante e depositário de confiança (Koury, 2010, p.34).

Ou seja, se temos muita confiança entre os membros, temos também mais trocas e o entendimento de que todos formam um grupo, ampliando a coesão e a existência desse grupo para além das fronteiras individuais.

As rodas foram acompanhadas por técnicos, que por sua vez tiveram grande importância na coleta de dados da pesquisa, preenchendo fichas de observação, realizando gravações áudio visuais e realizando relatórios sobre tudo aquilo que foi observado nestas rodas de conversa.

Entrevista com os Técnicos

Com a finalidade de obtermos mais informações sobre os núcleos a partir de outra perspectiva, realizamos entrevistas com a equipe técnica de cada NVC para que pudéssemos compreender a realidade dos NVCs a partir de um outro

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 205-219, 2024.

olhar que não fosse apenas a própria percepção dos membros. Estas entrevistas se mostraram de grande importância no decorrer da análise dos dados, pois nos proporcionaram um ponto de contraste e de referência para compreender melhor os papéis que os membros tomavam em seus respectivos NVCs.

Porém, é relevante que deixemos registrado que as entrevistas com os técnicos tiveram um papel secundário no que diz respeito ao resultado da caracterização dos NVCs, assim como na análise do grau de coesão social de cada núcleo, já que compreendemos que é a partir da fala e da percepção dos próprios membros que podemos identificar tais elementos.

Conclusão das etapas

Foi a partir da combinação dessas diferentes metodologias e distintas abordagens que buscamos compreender melhor a construção da e das identidades dos núcleos de vigília ao longo do tempo, assim como caracterizar e identificar a existência ou não de um grau de coesão e colaboração, no sentido de pertencimento enquanto grupo e enquanto coletivo.

Fomos guiados pela ideia de Koury (2001) que nos aponta que só é possível reconhecer o individual por meio do coletivo, o eu pelo nós. É através da vivência do eu neste mundo que é comum, neste quiasma entre espaços e tempos comuns a outros eus. É nesse espaço comum que é construída a esfera pública partilhada pela comunidade. Dessa forma os diversos “mapas” que os próprios sujeitos estabelecem formam a cultura e a sociabilidade daquele espaço.

A ideia central dessas diferentes etapas foi tentar compreender, a partir dos conceitos apresentados e das metodologias utilizadas, se havia a possibilidade, a partir da coesão social, de uma manutenção destes grupos caso o projeto se extinga e se esses grupos se apresentam de forma ativa no sentido de projetar ações políticas organizadas enquanto grupo.

Resultados

A partir dos resultados das diferentes etapas metodológicas da pesquisa, e com o objetivo de melhor sistematizar os dados encontrados, caracterizamos os núcleos em três perfis de coesão. A criação dos perfis teve o objetivo de facilitar a tomada de decisões sobre os próximos passos, tanto dos próprios núcleos, quanto do projeto PEA-TP.

De maneira geral, todos os NVCs demonstraram compreender o quanto caminhar na cooperação estabelece uma lógica dialética possibilitadora de sínteses entre os diferentes. Outro ponto marcante é que a totalidade dos núcleos reconhece que as ações educativas do projeto os fortalecem enquanto indivíduos e enquanto comunidade e os capacita para atuação política.

Tendo isso dito, os perfis elaborados foram: Perfil colaborativo, para o qual a ideia de futuro sem a estrutura do PEA ainda é difusa; Perfil coletivo, que

apresenta características de um grupo mais independente; e Perfil associativo, que vislumbra claramente se estabelecer enquanto uma organização social.

Os NVCs que se enquadram no perfil Colaborativo, embora se identifiquem mais com o Núcleo do que com o PEA-TP, reconhecem a importância e dependência da estrutura do Projeto para o seu funcionamento. Tendo adquirido um grande aprendizado e formação através do Projeto, os NVCs que se enquadram neste perfil podem se tornar uma referência no seu município. Eles realizam reuniões, coletam informações estratégicas para incidir em temas importantes para o município e fazem incidências com caráter mais individual do que coletivo (NVC) nas atividades em que se sentem confortáveis para atuar. Além disso, este perfil tem disposição para cooperar com associações e organizações sociais, compartilhando informações e experiências que possam contribuir para suas ações e funcionamento. Constata-se que as atividades realizadas pelo PEA-TP estão levando esses NVCs a refletir sobre como poderiam atuar de forma autônoma.

Esses grupos aqui identificados enquanto perfis colaborativos, possuem um forte sentimento de pertencimento e acolhida pelo grupo, demonstram compreender a importância da organização coletiva/comunitária para a consolidação de direitos. Tal perfil ainda não apresenta autonomia suficiente para organizar pautas e/ou dar continuidade às atividades sem apoio da equipe técnica. Aqui, o elemento da escuta, tão importante para a cooperação entre os membros, ainda não aparece como um ponto forte. Portanto, a sua incidência política enquanto NVC se fragiliza, gerando pouca troca sobre as posições a se tomar nos espaços de participação.

Já os NVCs que fazem parte do perfil coletivo estão começando a considerar possibilidades para além do PEA-TP. A identificação desses membros enquanto grupo já apresenta uma dimensão mais orgânica, caracterizada por uma maior espontaneidade e independência ao falar do seu futuro como uma organização autônoma. No perfil coletivo existe uma interação entre seus membros que demonstra uma maior abertura e capacidade de adaptação a mudanças e ajustes às novas necessidades para o funcionamento do grupo. No entanto, o senso de comunidade ainda não se traduziu em uma forma específica na qual o grupo pretenda se organizar.

Os NVCs presentes nesse perfil coletivo demonstram compreender com clareza o que é vigília cidadã e buscam exercê-la. Compreendem a importância da política em suas vidas e o papel político do núcleo para a transformação da sociedade. Estes NVCs também possuem um forte sentimento de pertencimento e acolhida pelo grupo. Demonstram capacidade de elaboração de sínteses e resolução das divergências por meio do diálogo, ainda que nesses diálogos tenham conflitos para tomada de decisão.

Mesmo apresentando desejo de permanecerem unidos após o fim do projeto, os núcleos presentes nesse perfil esbarram em questões relacionadas ao nivelamento nas trocas geracionais, na baixa incidência/projeção para fora do

NVC, nas disputas geográficas e de pautas, ou na incapacidade de escuta atenta e acolhimento das falas de todos.

Por fim, os NVCs que se enquadram no perfil associativo, possuem uma forte conexão orgânica e um senso de unidade, com seus membros se comunicando de forma espontânea sobre o futuro sem a estrutura do Projeto. Os membros deste perfil apresentam uma maior capacidade de assumir responsabilidades e tomar decisões de forma autônoma em direção a formar, manter e gerir sua própria organização. Nesse sentido, eles têm mais clareza sobre qual estrutura formal desejam adotar, optando pela criação de uma organização regularizada.

Os NVCs que se enquadram neste perfil apresentam uma ideia de política e da importância da organização social na transformação da realidade, conseguem se projetar mais para fora do núcleo, se tornando em alguma medida reconhecidos em suas localidades. Qualificam de forma coletiva as suas participações em outros espaços, se apresentando enquanto NVC, dando resposta e retorno ao grupo. Além de terem criado ferramentas de comunicação próprias, elaboram, propõem pautas e constroem sínteses, demonstrando muita autonomia. Apresentam também a capacidade de fazer uma autogestão quando existem diferentes pesos de opinião sobre determinado assunto. Esbarram em questões de nivelamento e mobilização de novos membros e em pontos relacionados a conhecimentos técnicos, burocráticos e financeiros da manutenção de uma organização regularizada.

A pesquisa também demonstrou que os Núcleos, independente de qual perfil se encaixa, guardam similaridades nas questões de bem-estar e pertencimento, pois todos se sentem acolhidos e se imaginam enquanto apoio e suporte em momentos de fragilidade, assim como dando continuidade as ações do NVC. Todos também compartilham a ideia de dependência direta com relação as instituições ligadas ao PEA-TP, tanto material, quanto simbólica e organizativa.

Outros critérios também foram levados em consideração para consolidar os perfis, como: escuta, acolhida e possibilidade de fala; democracia e horizontalidade nas decisões; organização e autonomia do grupo e produção de sínteses e respeito as diversidades. Compreendemos a criação destes perfis enquanto uma “fotografia” daquele contexto específico da coleta dos dados, e que a conjuntura e as relações dos membros sofrem alterações no decorrer do tempo.

Problematização a partir da experiência do fazer da pesquisa

Sennet (2012) nos atenta que a capacidade de escuta é uma ação prática de receptividade do outro e que essa capacidade de ouvir nos permite trabalhar em sintonia com os outros, fazendo com que ela seja um aspecto não apenas ético, mas também cooperativo.

É exatamente neste ponto que pretendemos problematizar o fazer da pesquisa, a partir deste agir em conjunto alimentado por uma escuta atenta, uma prática receptiva ao outro. Durante a realização da pesquisa, buscamos observar este fenômeno para caracterizar os Núcleos de vigília cidadã. Porém como foi mencionado anteriormente, a coleta de dados da pesquisa contou com a colaboração de muitos técnicos, consequentemente fazendo com que a pesquisa se tornasse em si uma ação coletiva. Sendo assim, entendemos que a nossa escuta atenta enquanto pesquisadores fez parte também da metodologia para colher e analisar os dados, já que a cooperação e coesão se fizeram necessárias na organização, no planejamento e na realização das ações da pesquisa.

Tal exercício da escuta no fazer da pesquisa foi exercitado em diferentes situações, como por exemplo em reuniões de planejamento e treinamento entre os pesquisadores e técnicos, que eram realizadas antes de cada evento microrregional. Durante tais encontros de preparação, muitos relatos surgiram no sentido de apontar que a abordagem tomada para tais encontros apresentava uma escuta atenta, que possibilitava mais autonomia e participação na coleta dos dados da pesquisa. O fato de se sentirem pertencentes e participantes ativos na construção e realização da pesquisa, fez com que as diferentes atividades de coleta de dados tivessem mais engajamento e participação dos técnicos designados para tais atividades.

É importante lembrar que a escuta enquanto habilidade significa ter a capacidade de saber aquilo que o outro busca dizer, mas não consegue dizer claramente. O foco é tentar escutar para além do que está sendo verbalizado, e por isso mesmo é um processo que demanda tempo e que requer prática. Neste sentido, é preciso compreender a escuta enquanto uma habilidade cooperativa e que tem a sua prática enquanto um constante ensaio, já que terá de lidar com as constantes tentativas e frustrações.

Além disso, o mesmo movimento de escuta atenta se fez presente durante os encontros microrregionais entre pesquisadores, técnicos e membros dos NVC's. Este elemento era constantemente reiterado por diversos membros, através de relatos e conversas que demonstravam que a abordagem tomada pelos pesquisadores e técnicos fazia surgir uma sensação de escuta e de troca horizontal. Isso sem dúvida reflete na coleta de dados e consequentemente no resultado da pesquisa, já que o engajamento daqueles que se sentem pertencentes e construtores daquilo que estava sendo realizado é muito maior.

Considerações finais

Para trabalhar e compreender a coesão de um grupo foi preciso trazer a questão da identidade e pertença para serem refletidas, partimos então da ideia de que a identidade cultural de um grupo pressupõe um sentimento de pertencimento, partilha de valores e objetivos.

Sabe-se, então, que a identidade é um elemento chave da realidade social subjetiva, e como toda realidade subjetiva está numa relação dialética com a sociedade. A identidade é formada através de processos sociais. Uma vez formada, é mantida, modificada ou tem uma nova remodelagem provocada pelas relações sociais (Luckmann; Beger, 1985, p. 228).

A ideia é de que a identidade é moldada por meio das relações sociais se apresentando subjetivamente. Por isso, compreender como o Núcleo de Vigília se identifica foi também acompanhar um pouco desses processos intersubjetivos. Em relação ao conceito de pertença, entende-se que “pertencer não é apenas ser, mas estar no mundo. É ser e estar em um mundo específico que se reconhece como o seu lugar de origem e a partir disso pode-se reconhecer a si mesmo como pessoa e os outros” (Koury, 2001, p. 133).

Sendo assim, olhamos para os NVC's e buscamos observar a coesão, compreendida como a forma que permite o diálogo entre diversos atores sociais com ações governamentais, instrumentos legais, políticas sociais e mobilização de estratégias aos problemas enfrentados pelas comunidades. Coesão esta que permite “que as pessoas estabeleçam iniciativas comuns e compartilhem valores como sentimento de identidade e solidariedade, regras, normas próprias, ou seja, um maior sentido de pertencimento” (Koury, 2012, p.180).

Para isso, utilizamos também a reflexão de Richard Sennet (2012) sobre a habilidade de cooperação, que nos aponta que embora a sociedade moderna esteja nos desabilitando dessa ação cooperativa pela fluidez das relações de curto prazo e pela dificuldade de lidar com a adversidade, caminhar na cooperação permite estabelecer uma lógica dialética para a possibilidade das sínteses entre os diferentes. Por isso cooperar exige escuta e exercício da empatia.

O movimento da pesquisa foi o de compreender se os Núcleos de Vigília cidadã são espaços que possibilitam ou não está prática da cooperação. Conhecer a permanência, a frequência e as trocas cooperativas entre os membros de cada NVC foi de suma importância para o escopo dessa proposta. O que se viu é que mesmo grupos heterogêneos em diversos aspectos, como faixa etária, gênero, área profissional, entre outros, através da escuta atenta são capazes de construir um grupo coeso e atuante politicamente.

Agradecimentos

Este artigo é resultado da pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Territórios do Petróleo que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos:** escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

CARVALHO, E. J. C. de.; PEÇANHA, A. L. Educação Ambiental em Espaços Não Formais de Ensino: Promovendo a sensibilização sobre os problemas ambientais de Ibatiba (ES). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, V. 19, No2:303-317, 2024.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental:** a formação do sujeito ecológico. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GANTOS, M. C. (Coord.) **Experiências e reflexões sobre vigília cidadã para o controle social dos royalties.** Campos dos Goytacases, RJ: EDUENF, 2019. [recurso eletrônico]

GANTOS, M. C. (Coord.) **Territórios do Petróleo:** Cidadãos em ação. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2014.

LOUREIRO, C. F. B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, v.8, n.1, pp.37-54, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. Educar, participar e transformar em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, v.0, n.0, p.13-21, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. **Cronos**, Natal-RN, v.2, n.1, p. 131-137, jan./jun, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Identidade e pertença:** disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens . Etnográfica [Online], vol. 14 (1) | 2010, posto online no dia 21 outubro 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/148>>. Acesso em 22 dez. 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Pertença e Controle social.** o uso de apelidos entre os deltas. Revista de Antropología Experimental, número 4, 2004. www.ujen.es/huesped/rae. Universidad de Jaén (España) ISSN: 1578-4282. ISSN (cd-rom): 1695-9884. Depósito legal: J-154-2003

LUCIAN, Rafael; DORNELAS, Jairo Simião. Mensuração de Atitude: Proposição de um Protocolo de Elaboração de Escalas. **Rev. Adm. Contemp.**, Rio de Janeiro, v. 19, 2ª Edição Especial, art. 3, pp. 157-177, Agosto 2015

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Ciência, técnica e arte:** o desafio da pesquisa social. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Orlando Petiz. Políticas públicas e coesão social. **Estudios Económicos de Desarrollo Internacional.** AEEADE, v.5, n.2, 2005.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 205-219, 2024.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Record. 2012.

TODOROV, Tvetan. **A vida em comum**. Ensaio da antropologia geral. Editora Unesp. 2014.